



Juventudes, Socialização e temporalidades: vínculos midiáticos

Youth, socialization and temporalities: mediatized links

SOUZA, Cirlene Cristina ¹

MAÇANEIRO, Marcial²

Resumo: As tecnologias digitais contemporâneas afetam não só o campo informativo, mas a percepção que os sujeitos têm de si e dos outros, as trocas interpessoais e as inserções no tempo e no espaço. Mais do que nunca, a linguagem tecnológica nos estimula psicologicamente e sensorialmente com ritmo mais constante e instantâneo, abre-nos novos campos de socialização e incide na nossa percepção de tempo. Neste contexto, o modo juvenil de viver o presente – que se estende e se intensifica entre continuidade

1. Professora doutora - Departamento de Técnicas e Métodos Escolares - Faculdade de Educação, UFMG Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, CEP31270-901, Belo Horizonte, MG, Brasil. A pesquisa que resultou neste artigo contou com financiamento da CAPES.

2. Professor doutor - Escola de Educação e Humanidades - Programa de Pós-Graduação em Teologia, PUC PR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prado Velho, CEP 80215-901 Curitiba, PR, Brasil.

Recebido em: 28/02/2016
Aprovado em: 27/04/2016

e descontinuidade – se torna também um modo de encarar o futuro com seu inevitável devir no *hoje* das diferentes temporalidades, seja interior-afetiva, seja exterior-instituída. Por meio de ensaios biográficos e identitários, os jovens enfrentam os riscos e encaram o futuro. Este artigo apresenta alguns tópicos dessa relação entre midiatização juvenil, socialização e temporalidades. O artigo foi dividido em dois eixos, a saber: *Midiatização da cultura contemporânea e Juventudes, socialização e temporalidades*.

Palavras-chave: Midiatização; Juventudes; Socialização; Temporalidades.

Abstract: Contemporary digital technologies affect not only the informational field, but also the perception that individuals have of themselves and of others, interpersonal exchanges and insertions in time and space. More than ever, technological language stimulates young people in a psychological and sensorial way, with constant and instantaneous rhythm, opening new socialization fields and imposing upon their perception of time. In this context, the way the youth lives the present – more extended and intensified, between continuity and discontinuity – also becomes a way to face the future, with its inevitable *becoming* experienced in different temporalities, as much at an internal-affective level as an external-established one. Through biographical and self-identifying narratives, young people face the risks and the future. This article presents some topics of the relationship between youth mediatization, socialization and temporality. The article is divided into two axes, namely: *Mediatization of contemporary culture*, and *Youth, socialization and temporalities*.

Keywords: Mediatization; Youth. Socialization; Temporalities.

Midiatização da cultura contemporânea

Para Braga (2007), a midiatização da cultura contemporânea implicaria em novas formas de organização, visibilidade e presença no mundo dos indivíduos e das instituições sociais, com novos modos de negociação e/ou estratégias entre essas instituições e seus indivíduos. A midiatização inauguraria, portanto, na contemporaneidade, uma nova ambiência, um novo padrão de condutas e comportamentos diferenciados entre os sujeitos contemporâneos, com alterações perceptivas e organizadoras da realidade social e novas formas de interação. O fato novo desse contexto “midiatizado” é que a mídia - além de funcionar como conjunto de meios instrumentais com suas mensagens - passa cada vez mais à condição de produtora de sentidos sociais, como observa Sodré,

[...] de fato, muda a natureza do espaço público, tradicionalmente animado pela política e pela imprensa escrita. Agora, formas tradicionais de representação da realidade e novíssimas (o virtual, o espaço simulativo ou a escrita) interagem,

expandindo a dimensão tecnocultural, onde se constituem e se movimentam novos sujeitos sociais (SODRÉ, 2006, p. 19).

A midiatização seria deste modo, um processo social que altera o modo de conceber a comunicação humana e suas questões, as quais passam a ser combinadas no contexto cultural de tecno-interação.

Para alguns estudiosos da midiatização, essas mudanças são tão profundas que nessa nova ambiência se instalaria uma ecologia comunicacional distinta – o *bios* virtual: “Entendo que, mais do que uma tecnologia, está surgindo um novo modo de ser no mundo, representado pela midiatização da sociedade” (GOMES, 2008, p. 19-20).

Esse processo implicaria em um modelo e em uma atividade de operação de inteligibilidade social, superando a mera funcionalidade das mídias e trazendo a midiatização à esfera das identidades, sentidos e vínculos sociais.

Hoje as mídias, sobretudo digitais, constituem uma ambiência povoada de conexões, pelas quais os jovens se dizem, se referenciam, se dispõem às provas sociais, se identificam, enfim, se constroem no cotidiano; de tal modo, que alguns autores consideram a midiatização uma importante chave hermenêutica para a compreensão e interpretação da realidade hodierna.

Tendo presente as emissões mercadológicas e os interesses dos grandes conglomerados de comunicação, de um lado, bem como os novos instrumentos de interpretação e reação disponibilizados pela tecnologia recente, emerge uma leitura crítica da midiatização: admite-se o caráter político-econômico dos processos midiáticos (SILVERSTONE, 2002), nota-se o “embate de forças” entre “afetar e ser afetado” pela variedade de mensagens e interações (FRANÇA, 2006, p. 86), num contexto relacional em que os sujeitos se envolvem na circulação de bens culturais e de consumo (PERALVA, 1997).

Advertimos, porém, que se trata de uma ambiência, de um processo ainda em curso e heterogêneo nas formas e nas possibilidades de acesso, sobretudo no caso de sociedades em vias de desenvolvimento, como a brasileira.

Historicamente, pode-se dizer que a inscrição dessa nova realidade midiática e seus impactos nas formas de comunicação e, por conseguinte, da constituição de nossas experiências cotidianas, advêm desde a invenção da escrita, numa dinâmica de ampliação, até a abrangência técnica hoje alcançada (imprensa, audiovisuais, internet e dispositivos digitais). Em tal situação, a experiência humana ganha novos rumos, com novas possibilidades de interações e mesmo de constituição quanto aos indivíduos e sociedades, afetando seus modos de ser, agir e conviver.

Outro elemento a ser considerado neste artigo, é o fato de os estudos da midiatização não focarem apenas os produtos midiáticos ou as tecnologias que permitem

a sua produção (ou seja, os meios), mas especialmente os processos sociais que estão à base dessas interações, com seus sujeitos, sentidos e formatos. Como se nota, esses processos significam muito mais que a objetiva inovação tecnológica das mídias, pois atingem os sujeitos, com suas identidades, conhecimentos e sociabilidades; ampliam as formas de contato e expressão; alteram a percepção de tempo e espaço e incrementam o circuito de informações locais e globais.

O estabelecimento, acesso e uso habitual dessas conexões têm configurado formas midiaticizadas de relação, marcadas por novos padrões quanto à linguagem, seleção de informações, temporalidade e expressões da subjetividade, sobretudo entre as novas gerações. Esses padrões de interação não se confinam às variantes tecnológicas, mas se estabelecem pelo sentido, hábito e intensidade das próprias relações – agora midiaticizadas. Em suma, a midiaticização atravessa os sujeitos e suas realidades, passando a tomar parte de suas interações cotidianas e interferindo, de modo cada vez mais marcante, em seus processos de socialização e em suas experiências temporais.

Daí a definição decorrente de Gutiérrez (2006), para quem a midiaticização é um processo relacional, resultante do encontro de variados fatores, originando um novo ambiente existencial caracterizado por novas formas de cultura, atuação e percepção da realidade. Trata-se de um processo dialético, que move a vida social e ao mesmo tempo é movido por ela.

Sua singularidade está pautada na ideia de que a interação humana passa de alguma forma pelos “filtros” dos dispositivos midiáticos, manifestando maior ou menor força e ritmo, conforme aos seus quadros de sentidos e à situação comunicativa a que está associada e é constantemente interpelada. Castells (2008) chama nossa atenção para o fato de que a presença das tecnologias na organização social atual não absorve toda a complexidade das ações humanas na determinação da vida social.

As tecnologias de informação não orientam, por si só, as relações entre pessoas, os escopos das instituições e os rumos histórico-culturais da sociedade. Há sempre uma potência decisiva reservada às ações humanas. A partir desta compreensão, Castells coloca as tecnologias como fator influente e participador, mas não como causa da mudança multidimensional da sociedade. Destaca ainda que as técnicas não têm o poder de determinar o curso da história humana (já que o mesmo curso é considerado múltiplo).

Lévy (1999), por sua vez, acrescenta que a significação e o papel de uma configuração técnica não podem ser separadas de um projeto social mais amplo, que dinamiza essa configuração através das diferentes agendas de poder, ideologia, mercado, nacionalismos e até mesmo religião.

É importante também compreender o estágio atual das técnicas como resultado de

uma série de disputas entre os diversos atores sociais, de projetos rivais constantemente em choque, de novas descobertas imprevistas que podem alterar radicalmente o uso e, portanto, o sentido e o destino de um dado objeto “técnico”.

As tecnologias (neste caso, de comunicação) não são neutras, nem simplesmente boas ou más. Elas estão associadas a um meio social mais amplo, em parte determinando este contexto, mas também sendo determinadas por ele. Dentro desse contexto mais amplo da midiatização, é colocada em debate a afetação da midiatização no processo da socialização e das experiências de temporalidade dos jovens contemporâneos.

Juventudes, Socialização e Temporalidades

Para os debates sobre socialização, assume-se aqui a linha de análise de Abrantes (2011) e Setton (2005), cuja reflexão assimila os conceitos clássicos, inclui as transformações sociais recentes e oferece elementos de compreensão da experiência social das novas gerações. E, com o intento, de compreender os jovens em midiatização pela percepção das “temporalidades” por eles vivenciadas, são conjugados autores que têm lido as vivências histórico-culturais do tempo, focando nas percepções de passado e futuro inscritas no presente dos sujeitos.

Com Koselleck (2006), são observadas as dimensões de passado, presente e futuro na percepção contemporânea do tempo. Atenta-se, sobretudo, para a intensidade das vivências juvenis no presente e as projeções (certas e incertas) de seus horizontes de expectativa; ao passo que com Leccardi (2005) e Melucci (2004), são discutidas diferentes temporalidades dos jovens contemporâneos em midiatização.

Sentindo-se num hoje que ora se amplia, ora se comprime com as inúmeras possibilidades que ali ocorrem (LECCARDI, 2005), os jovens contemporâneos se comportam como nômades do presente, migrando entre escolhas e sentidos (MELUCCI, 2004). De fato, as novas gerações se mostram fortemente imersas na trama das interações midiáticas, acessando tecnologias e costurando “redes” de contato e/ou relacionamentos, em compasso com o acelerado avanço dos novos meios de comunicação social³.

3. Este artigo foi motivado pela tese de doutorado, intitulada: *Juventude(s), mídia e escola: ser jovem e ser aluno face à midiatização das sociedades contemporâneas*. Nesta se investigou quais os aspectos do processo da cultura midiatizada contemporânea que marcam, de forma singular, a vida de jovens estudantes do ensino médio. A autora realizou uma extensa pesquisa de campo em escolas do ensino médio da região metropolitana de Belo Horizonte. A análise revelou que as tecnologias digitais, que se mesclam à vida cotidiana dos jovens, encontram-se imbricadas de modo extenso e intenso em suas interações de jovens-alunos no espaço da escola e das ambiências midiáticas por eles frequentadas. Inspirados por esse trabalho, os autores do presente artigo apresentaram no I Simpósio *Aproximações com o Mundo Juvenil* (FAJE 2016) um recorte que se concentrou na apresentação teórico-reflexiva sobre: como aqueles jovens midiatizados pensavam e viviam a relação entre a percepção subjetiva e social do tempo cotidiano e os campos de possibilidade em face do futuro, nas diversas temporalidades do ser jovem. Desta comunicação decorre o presente artigo, aqui desenvolvido com explanação conceitual e argumentação mais acurada.

A condição juvenil midiaticizada⁴

Os estudiosos brasileiros das questões que atravessam a condição juvenil contemporânea têm se voltado para o debate da pluralidade de traços que compõem a realidade da nossa juventude. No curso de tais debates há múltiplos olhares e sentidos sobre o “ser jovem”. Diante dessa multiplicidade, como destaca Sposito (2000), sempre há necessidade de se eleger uma definição de juventude, ainda que provisória.

Na opinião desta autora, a faixa etária de referência tem um valor especificamente metodológico para se iniciar uma pesquisa focada nos jovens, pois neste horizonte, mesmo sendo insuficiente, a categoria etária se faz necessária para ativar algumas delimitações básicas na demarcação da condição juvenil, desde que se evite a homogeneização de todos os sujeitos situados na mesma faixa etária⁵.

Porém, pertencer a uma faixa etária – e à juventude, particularmente – representa, para cada indivíduo, uma condição provisória e transitória, vivida em processo dinâmico. Isto significa que os indivíduos não “pertencem” a grupos etários: eles os atravessam (LEVI; SCHMITT, 1996). Este processo se faz de maneira diferenciada em cada sociedade, determinado, por um lado, pelas atitudes sociais (a atitude dos “outros” no seu confronto) e, por outro, pela visão que os jovens têm de si mesmos. Levi e Schmitt (1996) observam que este processo de atravessamento não se caracteriza de modo estável ou universal, distinguindo-se do que poderia ser uma simples passagem etária. Na verdade, há conflitos na transição de uma idade para outra e na transmissão do conjunto de prescrições e valores entre as gerações, com diferentes impactos psicológicos e culturais. Deste modo, pensar o “ser jovem” implica em reconhecer a condição dos sujeitos aí imbricados, as questões intrínsecas dos seus âmbitos de relações e os conflitos aí gestados.

Segundo o historiador Philippe Ariès (1983), o desenvolvimento da sociedade moderna ocidental foi processando a juventude como categoria social. Enquanto, na Idade Média, o mundo infantil não detinha autonomias sociais – mas era totalmente referido ao mundo adulto – a partir do século 17 as transformações da instituição familiar e educacional colocaram em conflito este modelo social, mudando

4. “Do latim, *conditio* refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc.” (DAYRELL, 2007, p. 1109).

5. A referência etária utilizada em análises demográficas e definição das políticas públicas variam de país para país e de instituição para instituição. No Brasil, há uma tendência – baseada em critérios estabelecidos por instituições oficiais, como o IBGE – de localizar a juventude entre os 15 e 29 anos.

visivelmente as formas de sociabilidade nas relações entre crianças e adultos. Neste panorama, a família passa a ser o espaço de referências morais, de outra percepção da afetividade e de novos modos de olhar e tratar a infância; e a escola, por sua vez, se torna o lugar da aprendizagem formal, com a transmissão de conhecimentos e valores instituídos, resultando numa certa visibilidade para os adolescentes. É somente no século 19 que a adolescência aparece como uma etapa socialmente distinta, merecendo abordagens⁶.

A partir daí, a especificidade do sujeito jovem vai sendo lentamente processada, em níveis progressivos de constatação e reconhecimento social. Dessa forma, estudar a juventude em seus elementos mais comuns e caracterizadores não será suficiente para conhecê-la. Importa, sobretudo, considerar a sua diversidade, incluindo as imprecisões que o “ser jovem” comporta, em função de suas peculiaridades. Incluem-se, nesta ótica, os fatores socioculturais de construção da identidade, a acolhida das subjetividades e as linguagens pelas quais os próprios jovens se expressam. Portanto, o período denominado juventude não se caracteriza apenas por ser uma fase da vida; mas, ao contrário é um momento singular e complexo da realidade vivenciada por sujeitos na sociedade.

A juventude é, então, objetivamente heterogênea, porque existem juventudes socialmente diferentes e desiguais. Sendo assim, o conceito de juventude não pode remeter “[...] a qualquer homogeneização, mas, ao contrário, à pluralidade e às circunstâncias que marcam a vida juvenil, considerando a diversidade e as múltiplas possibilidades inerentes ao sentido de ser jovem” (DAYRELL, 1999, p. 3). Conforme Pais,

[...] não há de fato, um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe aparecem associados. As diferentes juventudes e as diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, pois necessariamente, diferentes teorias. (PAIS, 1993, p. 36).

Tais diferenças direcionam os jovens a múltiplas experiências adquiridas em suas relações sociais (cultura, escolarização, família, trabalho, etc.) que compõem suas identidades juvenis. Estas identidades são construídas em diálogo com a multiplicidade de experiências significativas que os jovens vivenciam no período da juventude, durante o qual serão levados a fazer escolhas e a tomar decisões que permanecerão em sua história de vida.

Com efeito, lançar o olhar sobre a juventude contemporânea, na busca de apreender sua condição, é reconhecer esse terreno discursivo complexo e povoado de variáveis: “[...] a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no 6. Ariès (1983) recorda, porém, que somente os jovens filhos da burguesia podiam se manter longe da vida produtiva e social e, assim, se dedicar à formação escolar, acumulando um horizonte de expectativa que projetava uma vida futura. Tais expectativas e projeções não chegavam até os jovens da camada popular, que assumiam responsabilidades da vida adulta ainda na juventude, como, por exemplo, o trabalho.

contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo” (PAIS, 1993, p. 29). Dessa forma, a juventude não pode ser olhada apenas na sua aparente unidade, mas é preciso considerar também na sua diversidade.

Compreender o conceito de juventude exige o reconhecimento dessas imprecisões em função da complexidade que permeia a construção da identidade dos sujeitos na sua individualidade. O conceito de juventude deverá remeter, portanto, “[...] à pluralidade e às circunstâncias que marcam a vida juvenil, considerando a diversidade e as múltiplas possibilidades inerentes ao sentido de ser jovem” (DAYRELL, 1999, p. 3).

Socialização, sociabilidade e juventudes

Desde os anos 90, os processos de socialização têm sido interpretados por estudiosos da juventude, que já alertavam para seus câmbios e rumos. Segundo alguns autores, os jovens contemporâneos vivenciariam novas percepções de espaço e de tempo marcadas pelo fluir das relações, pelos vínculos virtuais e por novos modos de inserção na sociedade.

Os jovens ensaiam novos modos de ser, de se expressar e se relacionar, impactando diretamente na sua relação com as instituições tradicionais (família, escola, igreja, Estado) que até então detinham a função de demarcar o espaço e o tempo, e legitimavam as relações cotidianas neles situadas. Portanto, os jovens estão mais expostos ao excesso e à diversidade de informações: velocidade de acesso aos fatos; imediatez de imagens e dados; influxo direto da propaganda; os novos modos de viver a intimidade, a moral e a vida privada; outras formas de compreender e vivenciar as diferenças; e, por fim, a crescente miscigenação de linguagens de diferentes meios (cinema, televisão, jornais, fotografia, livros, publicidade, computador).

Estes elementos compõem a recente “ambiência” na qual os jovens tendem a sentir-se cada vez mais familiarizados, produzindo valores, opiniões, aprendizagens e comportamentos. Esse contexto tem impactos sobre as relações dos jovens com as instituições e sobre seus modos de ser e se posicionar diante do mundo e compõe parte do complexo processo de midiaticização da cultura contemporânea.

Hoje, debate-se sobre a socialização numa ótica que equaciona a inscrição objetiva deste processo (cultura, trajetórias de vida, práticas sociais, relações de poder) com sua inscrição subjetiva (individuação, sentidos e flexibilidade), ambas dialeticamente implicadas na dinâmica social (ABRANTES, 2011, p. 121-122).

Compreende-se, pois, que “[...] todas as experiências do indivíduo, ao longo da vida, contribuem para o processo de socialização, ou seja, para a construção de disposições internas que permitem (e orientam) a participação na vida social” em “[...]

processos de seleção, generalização e analogia” (ABRANTES, 2011, p. 122). Pode-se dizer que “[...] socialização e individualização constituem duas faces da mesma moeda (Elias, 1983): nos mesmos atos e relações, tornamo-nos pessoas e fazemos sociedade” (ABRANTES, 2011, p. 122).

Daí se configuraria o novo arranjo entre socialização primária e secundária que, embora fronteiriças e institucionalmente estabelecidas, são hoje abaladas por sentidos, negociações e transversalidades carregadas pelos sujeitos, com suas biografias e escolhas marcadas de afetos, tensões, gostos e perspectivas. Hoje, os contextos educativos, comunicacionais e simbólicos – atravessados por intensa midiaticização – diluem a rígida demarcação entre socialização primária e secundária.

Embora permaneça o caráter singular da socialização na infância e a dependência da família no caso dos adolescentes e/ou jovens, a “[...] intensidade da socialização varia ao longo da vida, com tendência para uma redução gradual; mas o trabalho de (re)construção identitária, induzido por recomposições biográficas e/ou sociais, na modernidade tardia, apontam para algo mais estrutural do que a definição clássica de ‘socialização secundária’” (ABRANTES, 2011, p. 125), pois “[...] na sociedade atual, se desenvolve um trabalho mais reflexivo e autônomo dos sujeitos em torno da sua identidade e biografia. Esses dois terrenos [da socialização primária e secundária] são mediados por um período de ‘semi-dependência’, mais ou menos tenso e prolongado, que caracteriza hoje as experiências juvenis” (ABRANTES, 2011, p. 125).

Para Setton (2005), as experiências sociais são combinatórias subjetivas de elementos objetivos, tensionando os sujeitos e, deste modo, fazendo-os efetivamente atores sociais. Contudo, este “ator social” hodierno [...] não é redutível aos seus papéis, nem aos seus interesses e o indivíduo não adere totalmente a nenhum de seus papéis, que têm como tarefa articular lógicas de ação, que o ligam a cada uma das dimensões de um sistema. O ator é, então, obrigado a combinar lógicas de ação diferentes e é a dinâmica gerada por essa atividade que constitui a subjetividade do ator e sua reflexividade (SETTON, 2005, p. 345).

Assim, o conjunto das experiências dos sujeitos contemporâneos não é sistematicamente coerente, homogêneo ou compatível; há diferentes tempos e ritmos, fragmentos e composições. Sobretudo os jovens ressentem estas características, na forma de descontinuidade e diferenciação entre seus papéis de aluno, sua situação de filhos e sua condição de jovens em sentido não apenas social, mas subjetivo.

Deste modo, “[...] por não ocupar posições semelhantes em todos os espaços sociais, o indivíduo vive experiências variadas e às vezes contraditórias na contemporaneidade” (SETTON, 2005, p. 345). Disto decorre, ainda, um distanciamento gradual entre a coerência das práticas dos atores (os indivíduos) e os espaços institucionais em que transitam (como escola, família ou a mídia). Certa perplexidade e até incongruência percebida nos jovens é, portanto, compreensível, pois à medida

que as referências sociais e identitárias se diversificam e cruzam, caberá ao indivíduo avaliar e compor opções, deliberando sobre seu presente e futuro, com mais ou menos segurança.

Neste sentido, os jovens contemporâneos não manifestam “[...] uma identificação coerente com papéis sociais identitários e com padrões normativos institucionais atribuídos a eles, nem interiorizariam linearmente projetos institucionais, mas articulariam uma gama variada de padrões e valores identitários” (SETTON, 2005, p. 345). Para Setton, como produtos de uma história social, “[...] todas as escolhas ou pré-disposições são resultado de condições de socialização específicas que traduzem o pertencimento a uma dada estrutura social” (SETTON, 2010, p. 21).

Na contemporaneidade midiaticizada, socialização e individuação se aproximam nas práticas juvenis (encontros de amigos, opções de entretenimento, preferências midiáticas, identificação com times ou bandas, assiduidade no uso das redes sociais, frequência à determinada religião). Assim, neste cotejo entre socialização e individuação – com vínculos e instituições ao lado de gostos e identidades – os jovens não estão ilhados na própria subjetividade, nem na pura virtualidade das tecnologias (SOUSA, 2014). Ao contrário, são sujeitos que *afetam* e *são afetados* pela sociedade em geral, pela economia, pelas ideologias e pelas instituições.

Portanto, a socialização dos indivíduos está entremeada de relações de poder expressas em práticas e discursos que, embora influentes, dão-se dialeticamente, acompanhadas de interpretação, representação e negociação por parte dos indivíduos.

Juventudes e suas temporalidades

Focando especificamente a relação dos jovens com o tempo, o historiador Reinhart Koselleck (1923-2006) fornece um instrumental teórico apropriado, ao delinear um “campo de experiência” e um “horizonte de expectativas”, relacionados entre si, como expressões da experiência temporal do homem contemporâneo.

Em sua obra *Futuro passado* (1979), Koselleck desenvolve a argumentação de que cada presente não apenas reconstrói o passado a partir de problematizações geradas na sua atualidade, mas também que cada presente ressignifica tanto o passado (“campo da experiência”) como o futuro (“horizonte de expectativas”). O autor também observa que, nas experiências cotidianas de relação entre presente e passado, presente e futuro, há uma assimetria e mesmo uma tensão entre estas instâncias da temporalidade, devidas, de um lado, à ruptura entre presente e passado, e, de outro, à extensão do presente no futuro, sentida como expectativa.

Esta assimetria e esta tensão marcam o que poderíamos chamar de sensibilidade contemporânea a respeito do tempo e, por conseguinte, a respeito da relação entre tempo e espaço, vivenciada pelos sujeitos. Referindo-se não apenas ao tempo

objetivamente demarcado (tempo mecânico dos relógios ou tempo institucional das agendas profissionais), mas também ao tempo subjetivamente percebido, Koselleck entende a “experiência” (tendida ao presente) e a “expectativa” (tendida ao futuro) como duas categorias históricas que “entrelaçam passado e futuro” (KOSELLECK, 2006, p. 308).

Assim, mediante a experiência e a expectativa, as temporalidades – passado, presente e futuro – podem sofrer expansão e/ou contração e até mesmo se alterar conforme o contexto histórico de cada sociedade em específico. Com efeito, “[...] o tempo histórico não apenas é uma palavra sem conteúdo, mas uma grandeza que se modifica com a história, e cuja modificação pode ser deduzida da coordenação variável entre experiência e expectativa” (KOSELLECK, 2006, p. 309). Ele mesmo explica:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, que não precisam estar mais presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é preservada uma experiência alheia (KOSELLECK, 2006, p. 309-310).

Já as expectativas visam ou tendem ao futuro, configurando um conjunto de sensações, percepções e antecipações referentes ao que ainda virá. Como expressam muitos jovens hoje, as expectativas se apresentam nos temores e esperanças, nas inquietações e certezas, nas ansiedades e confianças que – plurais e até contraditórias – apontam ao devir, ao futuro que se anuncia ou se esvai no presente vivido.

Eis o que Koselleck oportunamente caracterizou como “horizonte de expectativa”, semelhante a uma linha que se projeta sempre adiante, sempre além, na medida em que dela presentemente nos aproximamos. Contudo, o campo de experiência e o horizonte de expectativa não se opõem, mas repercutem um no outro, já que ambos entrelaçam o futuro e o passado na vivência do sujeito.

Há, portanto, três componentes-chave nesta concepção temporal: as experiências (visando o passado), as expectativas (visando o futuro) e o sujeito (visando o presente). Observe-se, porém, que a mesma tensão e assimetria tocarão também o sujeito histórico em cujo presente se entrelaçam o futuro e o passado, com expectativas e experiências forjando diferentes percepções do tempo, da durabilidade mecânica do tempo produtivo à perplexidade afetiva do instante que passa. Daí que as fusões ou cotejos que as três instâncias da temporalidade (presente, passado, futuro) estabelecem no sujeito, se configuram de modo diferenciado na contemporaneidade repleta de tecnologias que aceleram a informação, multiplicam os contatos interpessoais e cruzam fronteiras espaciotemporais há até poucas décadas resistentes.

Seguindo a perspectiva de Koselleck, é possível deduzir que as novas fusões

da temporalidade numa cultura midiaticizada explicariam a fluidez do presente, a progressiva perda da historicidade linear, o aceleração vertiginoso do ritmo cotidiano e, possivelmente por decorrência desses fatores, certo encurtamento da linha demarcadora das expectativas: à medida que o presente se acelera, avançando vorazmente à frente, também as expectativas encurtam seu prazo, pondo em crise o sentido do tempo vivido – como percebido no relato de muitos jovens, para quem o presente é paradoxalmente um ganho (na intensidade e diversidade das múltiplas conexões) e uma perda (na celeridade e provisoriedade do momento que foge).

Trata-se, assim, de um “presente estendido” ao ritmo da aceleração temporal “[...] bordeja o cotidiano e avança, num hoje ao mesmo tempo contínuo e breve” (LECCARDI, 2005, p. 45). Esta autora interpreta esse desconcerto temporal das novas gerações como efeito de uma passagem histórica, do “futuro aberto” da primeira modernidade, destinado ao progresso, à “crise do futuro” da modernidade avançada, repleto de riscos (LECCARDI, 2005, p. 41-45).

Na moderna sociedade industrial predominou a perspectiva do progresso científico-tecnológico, paralelo a uma projeção desenvolvimentista do tempo, com identidades e papéis sociais interligados em seu interior. Contudo, a modernidade avançada é caracterizada pelos riscos e uma conseqüente crise do futuro: A segunda modernidade, pelo contrário, a modernidade contemporânea, filha do sucesso da modernização, parece cada vez mais governada por processos como a intensificação da globalização e dos mercados globais, o pluralismo dos valores e das autoridades, o individualismo institucionalizado.

No plano cultural, parecem favorecidas as formas de identidade compósita, nas quais elementos globais e locais se misturam, impondo a convivência conflituosa entre diferentes imagens de si, as “identidades cosmopolitas” (BECK, 2012). Sabe-se por experiência direta com o cotidiano, e não apenas por reflexões teóricas, que essa modernidade caracteriza-se por uma dimensão de riscos globais: crise ambiental, terrorismo internacional, ameaças econômicas (mas também, por exemplo, sanitárias) de tipo planetário, novas modalidades de desigualdade social, a partir do empobrecimento crescente de áreas cada vez mais vastas do planeta, e, associadas a essa última, novas formas de subocupação com reflexos devastadores no plano existencial (LECCARDI, 2005, p. 44).

Se o futuro que a primeira modernidade visualizava era o futuro aberto, o futuro da modernidade contemporânea é o futuro indeterminado e indeterminável, governado pelo risco. Não o risco natural ou causado por efeitos mensuráveis da industrialização, que poderia ser previsto e remediado pelos cálculos probabilísticos, mas o risco humanamente produzido por nossa aplicação do conhecimento e interferência na ordem natural “[...] manipulação genética, diminuição da camada de ozônio, tecnologia bélica, insegurança nuclear etc.” (LECCARDI, 2005, p. 45). Esses tipos de risco não

nos falam de um bem, mas concentram a atenção exclusivamente sobre os males que o futuro pode difundir. A ideia de futuro a que conduzem é, portanto, não determinada e, ao mesmo tempo, marcada por um sentimento difuso de alarme, associado a uma sensação de impotência (LECCARDI, 2005, p. 45).

Nessas condições, a capacidade de apreender o tempo tende a fragmentar-se. A atenção volta-se, predominantemente, para a dimensão do presente. Para os jovens contemporâneos “[...] o presente (ora mais, ora menos estendido) aparece como a única dimensão temporal disponível para a definição das escolhas” (LECCARDI, 2005, p. 47), o que seria um largo “horizonte de expectativa” (no dizer de Koselleck) se foca no presente próximo, vivido como um “[...] horizonte existencial que, em certo sentido, inclui e substitui o futuro e o passado” (LECCARDI, 2005, p. 47).

Avançando na discussão sobre a experiência do tempo dos jovens, com atenção à sua construção identitária, incluimos a contribuição de Alberto Melucci (1997). Este autor observa que na sociedade contemporânea experimentam-se vários tempos, simultaneamente: o tempo natural pautado pelo ciclo biológico; tempo industrial pautado pela produção; o tempo subjetivo pautado pelos percursos cotidianos; o tempo dos fins, que marca o devir da História (MELUCCI, 1997).

Em geral, cada um desses tempos corresponde a diferentes papéis, em diferentes condições sociais; e sua concomitância nas experiências do sujeito é um dos fatores da fragmentação percebida na modernidade avançada, especialmente no caso dos jovens. Uma vez que entre “os múltiplos tempos da experiência cotidiana” há uma “tensão não resolvida”, o sujeito transita entre esses tempos, com seus papéis sociais distintos, experimentando limites e possibilidades (MELUCCI, 1997, p. 8).

Semelhante ao que ocorre com a roda no “jogar” da engrenagem⁷, os jovens vivenciam “jogos” de encaixe e desencaixe, envolvidos na engrenagem tempo/espacial de uma “[...] sociedade planetária grávida de potencialidades e de riscos” (MELUCCI 2004, p. 15-16).

Em nossa pesquisa de campo, muitos jovens demonstraram viver esta tensão de lugares e tempos, ritmos e papéis, em busca de sentido. Ao mesmo tempo, constatamos que as novas tecnologias têm fornecido não só instrumentos para isto, ao modo de uma máquina que apressa o tempo moderno, mas oferecem também uma ambiência em que esses sujeitos se distinguem, se conectam e se contradizem, num processo de referenciamento, de trocas intersubjetivas e de vínculos, pelo qual os indivíduos se mostram, se dizem.

Outros autores também têm notado que os jovens contemporâneos mediados são singularidades que se diferenciam e se conectam. É, nesse sentido, que Melucci

7. Segundo Melucci (2004), o jogo é a expressão usada na linguagem mecânica para indicar que uma engrenagem não está rigidamente presa em seu encaixe. Diante dessa folga, o eu pode sentir medo e perder-se, ou, então, aprender a jogar.

(2004) diz haver entre tais jovens um tempo exterior (objetivo, instituído, funcional) e um tempo interior (subjetivo, tensionado, motivacional), que não se coadunam mais no que toca os pertencimentos sociais dos jovens como família e escola. De fato, entre tempo subjetivo e tempo social há uma descontinuidade, já sentida pelos jovens de hoje como uma experiência comum.

Melucci observa que isto também conduz à dissolução do tempo linear – baseado no passado e com uma expectativa de plenitude no futuro – fazendo do “hoje” o momento intenso, repleto de possibilidades e tensões: a cada “hoje” os jovens se veem interpelados a dizer-se, a construir-se, em face das múltiplas possibilidades, vivenciando o cotidiano de modo menos rígido e coeso, e mais fluido e metamórfico, como “nômades do presente” (MELUCCI, 2004, p. 59). O presente dos jovens, tão repleto de possibilidades, é paradoxalmente o tempo que os limita, o tempo que lhes falta, experimentado com desconcerto e descontinuidade (MELUCCI, 2004).

Apontamentos finais

Os jovens contemporâneos são indivíduos em distinção e conexão, buscadores de si no tempo que flui; enredados nas múltiplas conexões midiáticas e expostos a um futuro de riscos que lhes convoca todos os dias buscarem novas relações “[...] entre o processo de produção e criação pessoal, comumente associado ao futuro, e as condições particulares de incerteza nas quais esse processo é vivenciado hoje em dia” (LECCARDI, 2005, p. 51).

Seus modos de viver o presente se tornam também um modo de encarar o futuro, com seu inevitável devir a cada “hoje” das diferentes temporalidades, interior-afetiva ou exterior-instituída. Afinal, é impossível ao jovem escapar de toda e qualquer perspectiva futura, já latente nas suas vivências positivas (vínculos de amizade, sonhos de realização, gostos promissores, aprendizados profissionais) e negativas (medos do amanhã, desengajamento com o ritmo escolar, rupturas com o tempo dos pais, medo da morte). Assim os jovens se inscrevem na História, experimentada como presente estendido em aceleradas biografias diárias.

Enredados na trama de relações dos espaços midiáticos e cotidianos, a singularidade e a identidade pessoal dos jovens contemporâneos se delineiam numa dialética de vínculos, que lhes possibilitam ver e serem vistos, em interação e socialização.

Em grande medida, por meio do processo de midiaticização, as identidades dos jovens contemporâneos se constituem e se manifestam em novas territorialidades e espacialidades, marcadas pela ação e dinâmica interativa dos próprios sujeitos-em-relação.

Novas territorialidades, novas espacialidades, novas temporalidades e novas

identidades, pedem novas relações, novas interações e novas compreensões entre o ser jovem e a midiaticização da vida contemporânea. De fato, na contemporaneidade midiaticizada, os jovens são os sujeitos que se veem mais cotidianamente afetados em seus mapas de referências culturais, temporais e identitários. Daí que “navegam” em rotas que se cruzam, entre espaços midiáticos e cotidianos, promovendo trocas e interações (extensas e intensas) entre virtualidades e realidades cotidianas, e identificando-se com diferentes papéis sociais.

Assim, pode-se afirmar que o diálogo crescente entre a vida juvenil e a cultura midiática é produtora de relações, reações e grandes processos comunicativos e virtuais, sobre questões concretas da vida juvenil com encaixes e desencaixes nas suas experiências temporais. Portanto, nesse contexto midiaticizado, o debate das temporalidades vivenciadas pelos jovens contemporâneos passa, necessariamente, pela compreensão de que nelas se cruzam a construção das subjetividades e das experiências de socialização e midiaticização, num ensaio que os marca como sujeitos em individuação e interação – ou seja – os marca concretamente como *jovens em midiaticização*.

Referências bibliográficas

ABRANTES, Pedro. Para uma teoria da socialização. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. 21, p. 121-139, 2011.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

BRAGA, José Luiz. Midiaticização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, Ana Sílvia; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda (Orgs.). *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. v. 1. p. 141-167.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

CASTELLS, Manuel. Inovação, liberdade e poder na era da informação. In: MORAES, Denis. *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, p. 225-231.

DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.30, p. 25-39, dez. 1999.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Lisboa: D. Quixote, 1983.

FRANÇA, Vera. Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, Vera. *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica,

2006, p. 60-88.

GOMES, Pedro Gilberto. O processo de midiaticização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade. A relação mídia e religião. In: FAUSTO, Antônio Neto (Org.). *Midiaticização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 2008.

GUTIÉRREZ, Luis Ignacio. *A tele-fé, religião midiaticizada: Estratégias de reconhecimento de sentidos religiosos de telefiéis do canal REDE VIDA de Televisão de Porto Alegre, RS*. São Leopoldo, RS, Brasil, Dezembro de 2006.

KOSELLECK, Reinhart. Modernidade. In: *Futuro passado: contribuição à semântica dostempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 267-303.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro mudança social, jovens e tempo. *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 2, p. 35-57, nov. 2005.

LEVI, G; SCHMITT, Jean-Claude. *História dos jovens 2: a época contemporânea*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação: Juventude e Contemporaneidade*. São Paulo, ANPED, n. 5/6, 1997.

_____. *O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global*. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2004.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação: Juventude e Contemporaneidade*, São Paulo, ANPED, n.5/6, 1997.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 2, p. 335-350, nov. 2005.

_____. *Mídia e Educação*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2010.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, Denis. *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SOUSA, Cirlene C. de. *Juventude(s), mídia e escola: ser jovem e ser aluno face à*

mediatização das sociedades contemporâneas. 2014. 376 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, 2014.

SPOSITO, Marília. Pontes (Org.). *Estado do conhecimento: juventude*. Brasília: INP, 2000.